



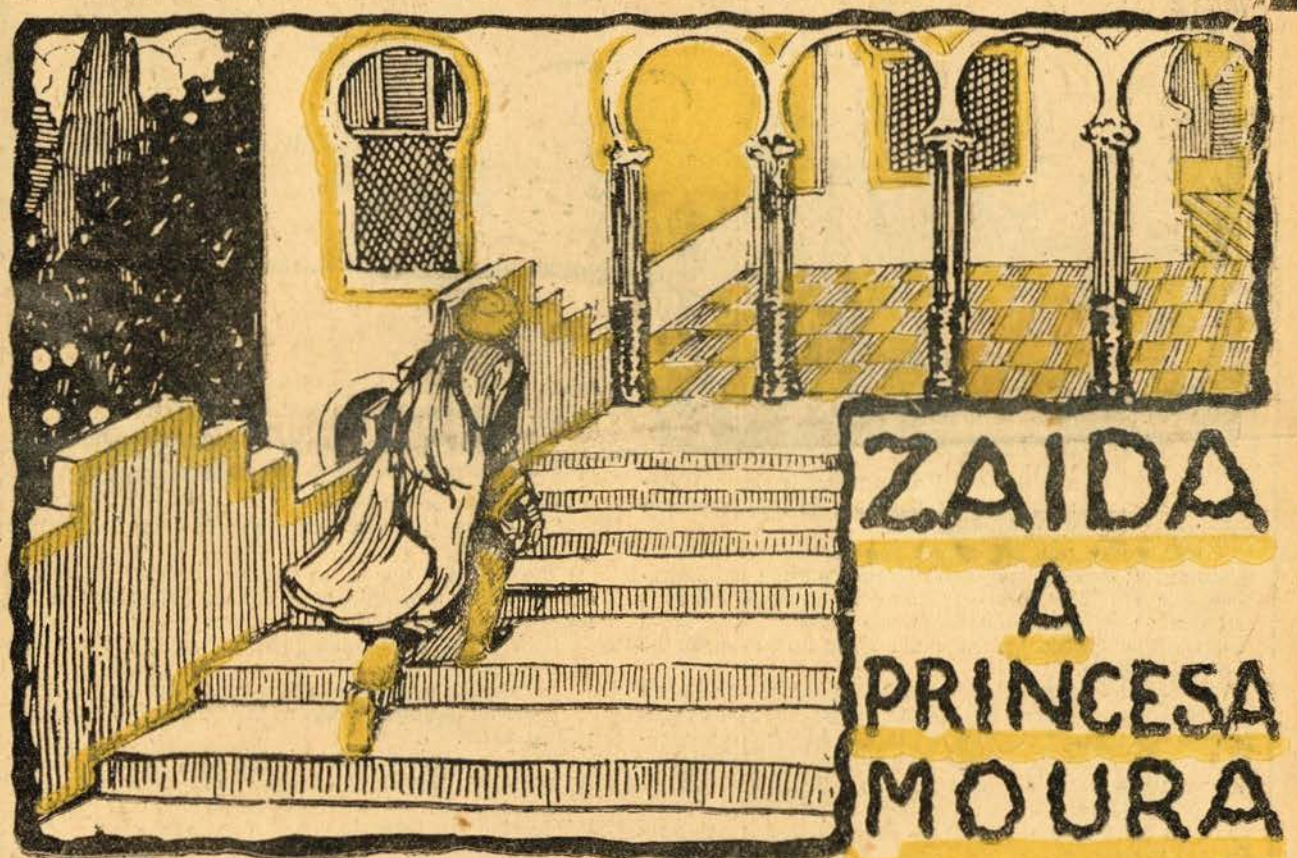
Director literario:

Albuquerque
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Malta
 PAPUSSE


ZAIDA A PRINCESA MOURA

Por FERNANDO A. SIMOES

DESENHOS DE EDUARDO MALTA

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

Há já três luas que quasi sem descanso, aqueles dois homens, igualmente fortes, igualmente hábeis no manejar, um a espada, outro o alfange, igualmente leais, combatem, Não sentem a fome, nem a sede, nem o frio, nem o sono. Lutam, lutam sempre, até que um deles caia, para ficar o outro vitorioso.

Por vezes param: é que as suas espadas aquecem de tal maneira que lhes queimam as mãos.

Mas mal arrefecem, ei-los que continuam novamente o combate interrompido.

No momento em que o rei cristão, pois os dois adversários tão encañados, eram o noivo e o pai de Zaida,

acabava de parar, com grande sciência, um formidável golpe de alfange que o rei mouro lhe dirigira à cabeça, uma fôrma branca atravessou o espaço, indo cair a poucos passos deles.

Dessa fôrma branca, saltou um vulto gracioso de mulher que veiu correndo, postar-se entre ambos.

— Meu pai, meu pai, balbuciou Zaida, pois era ela, para o mouro, páre, peço-lhe.

— Senhor, murmurou voltando-se para o cristão, suspenda, suplico-lhe.

Espada e alfange pararam no ar, e os seus possuidores olharam um para o outro indecisos; fitaram aquela que os



cabêlos em desalinho, que apanhava num enorme frasco, o sangue do rei cristão, que continuava a correr.

vinha interromper e ambos estremeçeram de espanto; depois afastaram-se dois passos para o lado e continuaram novamente o combate interrompido.

Zaida soltou um grito em que o despêro e a cólera se misturavam; depois, sem pensar no perigo que corria, atravessou-se resolutamente entre as duas espadas. Mas logo soltou um pequeno grito de dôr: uma das espadas picára-a levemente num dos braços e um ténue fio de sangue lhe corria da picada.

Então um espectáculo impressionante se presenciou: o rei cristão, vendo que a sua espada ousára manchar de sangue um dos lindos braços da sua amada, quebrou-a nos joelhos por ter cometido um tão grande sacrilégio, e enterrou no coração o resto da espada que lhe ficára.

Um grito de susto se ouviu: Zaida transformára-se numa pequena núvem, e desaparecia da vista de seu pai, para dar entrada na horrorosa torre onde devia morrer, segundo a profecia da fita de sêda que o pombo lhe dera. Como um louco, o poderoso rei Moley-Hamet levou as mãos à cabeça, e procurou espantado, vestígios da filha: em vão, pois a sua metamórfose fôra tão rápida, que êle nem vira nada.

Quando se convenceu bem de que a filha tinha desaparecido, procurou o cadáver do rei cristão, para lhe prestar as horas fúnebres que se devem a um vencido, quando é valente. Mas para nova surpresa estava guardado o valeroso pai de Zaida; por mais que procurasse apenas achou no lugar onde o vira pela última vez, um enorme lago de sangue que corria por entre os cadáveres como se fôra um regato; mas o que mais ainda o espantou, foi ver o sangue dos outros cadáveres abrir-se para os lados, deixando correr sem com êle se misturar, o sangue do rei cristão.

Então o valente Moley-Hamet recebeu enlouquecer; pegou no alfange, e a passos largos, como se receasse ver aparecer-lhe os espectros da filha e do adversário, afastou-se precipitadamente do campo onde jaziam 10 mil dos seus vassallos.

E tão perturbado ía o poderoso mouro, que não viu uma mulher feia, enormemente feia, mas de cujo rosto irradiava porém uma celestial bondade, coberta de andrajos, com os

Só, está a princesa Zaida, no alto duma incomensurável torre.

Tão alta está, que lá em baixo os homens parecem moscas, e os mais altos minaretes das mesquitas mouras ficam muito aquém da plataforma da torre.

Está chorando a linda princesa, porque o seu amado morreu.

Ela chegou a vê-lo enterrar a espada no coração. Mas de que lhe servem as lágrimas? Elas de nada lhe podem valer.

Por isso a princesinha deixa de chorar.

Logo que acabou de limpar as lágrimas, uma voz tão doce e tão suave que parecia vir do céu, mas que na realidade vinha da terra, lhe chegou aos ouvidos.

Aquela voz tão melodiosa, que enchia de tristeza a alma da princesinha, teve o condão de a reconfortar.

Então Zaida atentou melhor no que dizia a voz, e quando chegou a compreender, estremeceu:

Princesa da minha alma
Princesa do meu penar
Dize-me se estás muito alto
Que te quero libertar

A princesa ficou espantada, mas debruçando-se no varandim da torre, murmurou baixinho, mas tendo a certeza de que a sua voz chegaria aos ouvidos do seu misterioso libertador:

Senhor meu, do coração
Eu não quero a liberdade
Pois morreu o rei cristão
Que era a minha felicidade.

Hei-de cumprir o meu fado
Pois aqui quero morrer
Se é morto o meu amado
Para que me serve o viver?



Mas quando acabou soltou um pequeno grito de susto: uma fôrma branca lhe passára pela frente, indo pousar no seu ombro. Pegou-lhe: era o mesmo pombo branco que lhe levára a fita de sêda.

Como da primeira vez, ao contacto daquela mão o pombo começou a crescer, e juntamente com êle, um pequenino homem que vinha montado no seu dorso.

Quando êsse homem parou de crescer, pois atingira o tamanho natural, curvou-se respeitosamente, pegou numa das mãos da linda princesa e beijou-lha com galanteria.

Zaida não disse nada, não soltou um único grito, mas deixou-se cair chorando nos braços do seu salvador, que outro não era senão o rei dos cristãos.

Então êste, montou Zaida no pombo, e montou depois êle também.

Imediatamente todos três começaram a diminuir o tamanho.

Quando deixaram de diminuir, o pombo saltou para a varanda da torre e elevou-se depois pelo espaço, num gracioso vôo.

Porém, exactamente no momento em que o pombo levantava vôo, a porta do aposento onde a princesa tinha estado, abriu-se violentamente, e uma horrível velha, a bruxa Sahema, entrou gritando:

— Que é isto? Quem está aqui?

Mas ao ver o pombo, que se elevava nos ares levando a princesa moura e o rei cristão, soltou um grande grito de raiva, e rebentou.

No sitio onde estava, uma grande labareda, logo transformada em fumo, se elevou: tinha morrido a bruxa.

Juntamente com ela, a torre onde exercia o seu dominio desapareceu também, não ficando assim um único vestigio da que fôra a terrível Sahema.

Mais tarde, um rico lavrador mouro, comprou aqueles terrenos que lhe pareciam bons para a agricultura, mas por mais que se esforçasse, o redondo onde antigamente assentava a torre de Sahema nunca deu senão cardos.

Como se salvára o rei cristão?

Zahara, a feiticeira rival de Sahema, caíra em desgraça aos olhos da sua rainha, e esta para a arrelhar, satisfizera a aia de Zaida na sua vingança.

Mas quando o rei cristão, enterrou a espada no peito, e se desfez todo em sangue, com espada, roupas e tudo, Za-

hara, apanhou cuidadosamente todo esse sangue e guardou-o como vimos, num enorme irasco, esperando socegradamente o dia em que caísse novamente nas boas graças da sua rainha, para destruir a vingança da sua rival.

Esse dia, veio mais cedo do que julgava, e Zahara tratou logo, por processos só dela conhecidos, porque até hoje ainda ninguém mos ensinou, de dar fôrma humana ao rei cristão.

Logo que isso succedeu, ensinou-lhe o meio de salvar Zaida, e com tanta atenção o rei a ouviu que a salvação da princesa fôra questão de momentos.

Muito alto, muito alto, mais alto do que as núvens, vai voando um lindo pombo branco com dois pequeninos seres em cima.

Esse pombo, ora vôa por cima de desertos que parecem não ter fim, ora por cima de centenas de casinhas muito brancas; atravessa depois um pequeno mar, mesmo por cima de um estreito, e vem cair... no Algarve.

Desvenda-se o grande mistério: o rei cristão era rei... dos portugueses.

— Emfim! fez êste, saltando do pombo, juntamente com a sua amada, Eis-me no meus dominios!

Zaida, a linda princesa moura, chora.

— Porque choras, senhora do meu coração?

— Choro por três motivos: não poder mais voltar a ver meu pai, ter saudades da minha terra, e ter a certeza de que me mandarás matar, pois és cristão e eu sou moura.

Chorando também, comovido, o rei de Portugal enlaça-a pela cintura e faz um juramento solene:

— Juro por Deus, que te não mandarei matar, e se eu não morrer, hás-de ser minha esposa. Saudades da tua terra, hei-de mitigá-las porque um dia Marrocos será meu, Teu pai, se não morrer, há-de vir portanto a ser meu vasallo: fá-lo hei vir para Portugal e viverá no meu palácio, junto de ti e de mim.

Neste momento, um vulto saiu de trás de uma das árvores, e caiu chorando aos pés do rei cristão. Este surpreendido, levantou-o e... oh! espanto, reconheceu Moley-Hamed, o pai da sua Zaida.

(Continua na página 7)



HISTORIA DA PASTORINHA

Clara-a-linda e do Príncipe quebrador de Encantos

Por CELESTINO GOMES

Desenhos de JOÃO



era que nunca fôra de haver por ali ao redor, naquelas oito léguas de relvagens húmidas e montes, mais linda pastorinha, com aquêles cabelos doirados como estrigas de linho loiro de andar nos coradoiros, uns grandes olhos garços, como se nêles entrara a jorros o luar das noites calmas, um coetinho rubro a apertar-lhe a cinturinha graciosa, tanto que, aquando cahava de ir para o pascigo com as ovelhinhas brancas da senhara sua Ama, era como se fôsse, pastorinha de ilusões, pastoriando seu rebanho de coaguladas quimeras...

Era tão linda! Como se algum condão tivera a sua voz encantada, era só falar e logo as ovelhinhas porfiavam de se chegar a ela; cada madrugada, quando lhe penteava a avósinha os cabelos, eram sempre êles a desafiar com seu giro o sol.

Emquanto o pente corria, a avósinha ia de embalar-lhe a alma no berço brando dos contosinhos, era uma vez... Mas sempre metia uma raiva à pastorinha!... Eram sempre princezas, meninas que tinham madrinhas fadas, que sei lá!

E a velhinha a dobar, a dobar às vezes o linho branco, que nem sei como lhe não dava tentação de dobar os seus cabelos, ia contando.

—Depois o Príncipe-Formoso voltou a castelo à cata da sua amada. E, quando atravessava o parque de rosas de toda-a-côr, ouviu do lado dos repuxos uma voz...

Por'li, tudo era montado de pascigos, freixos e olmos de folhinhas lentejouantes, que era um louvar a Deus de ten-

tilhões e cotovias a cantar... Onde é que podia haver, então, o parque das rosas mais o castelo?

Extremunhada daquêles sonhos, lá ia, carreirinho ao diante, que, às vezes, até parecia que as ovelhinhas estranhavam o quer que fôsse, talvez o poisar incerto de seus tamanquinhos rudes.

E vai daí, entrava a pastora de ir nos quinze anos, um dia, pelo monte fora, adergou de vir um zagalsinho como ela, mas de grandes olhos ardentes como carbúnculos.

—Deus te guarde, pastorinha tão linda como nunca meus olhos viram...

—Salve-o Deus...

E taes bons dias, que logo os olhos se prenderam e se olharam muito, tanto que se não esqueceram de então.

Duma vez, é verdade, duma vez o zagal veiu encontrá-la a chorar: E que lindos olhos ela tinha com lágrimas que êle, Deus lhe perdõe, teve vontade de a fazer chorar mais ainda, muito ainda!

—Que te fizeram para chorares, minha linda pastorinha?

—Levou-me um lobo uma ovelha, um lobo grande, com olhos como tições de lume. E logo a mais branquinha de todas... Como é que, agora, eu e minha avó, tão pobresinhas, havemos de dar uma igual à minha senhora Ama, que é tão má!...

—Nem foi lobo nem lobão quem te levou o cordeiro, mas o teu patrão, que é lobishomem e anda a correr o fadário às sextas feiras. Mas não te afflijas, amor. Eu vou a buscar-te uma ovelhinha branca.

E larga para ali numa correria, o barrête a esvoejar sobre os anéis do negro cabelo, e logo vá de voltar com uma ovelhinha tão branca, tão branca, que cegava.

—Aqui tens, pastorinha dos meus cuidados. Lave-a na fonte da Moira-Linda, e vai, parece que ficou toda molhada de prata...

E, num repente, como se fóra correndo, o zagalsinho partiu...

Não no viu mais; apenas longe, numa volta que os ecos enchiam de exclamações, uma flauta pastoril modulava suspiros.

Ora a Ama da pastora, que era bruxa e tinha uma filha muito feia, tão feia que sujava os bibes ao jantar, entrou de fazer defumadoiros de alecrim e arruda, e, quando a pastorinha veio, já ela andava lá a cantar e a rir toda contente:

Já te benzi
te defumei,
filho de rei
não é p'ra ti!...

A pastorinha bem ouviu, mas que importava se ela gostava mas era do pastorinho que lhe dera a ovelhinha mais branca. Onde estaria ele a essa hora?

Passaram dias sem o zagal aparecer... E todos eles, cada tarde, ao voltar, lá encontrava a pastorinha a Ama, toda contente, a queimar arruda e a cantar:

Já te benzi,
te defumei...
Filho de Rei
não é p'ra ti!

E porque a pastorinha lhe perguntara porque dizia aquilo, logo ela vá de a prender num quarto tão escuro, tão escuro, que se não enxergava meio palmo ao diante. Bem chorou a pastorinha, mas de que lhe valia? Era silêncio tudo à roda. Então, lembrou-se da sua ovelhinha mais branca e começou de suspirar com tristeza:

—Ai minha querida ovelhinha! Quem me dera ter-te comigo!

Palavras não eram ditas e logo começa de fazer-se luz, tanto que já se via tudo à roda; e, a luz, era a própria ovelhinha que se foi aninhar aos pés dela e lhe disse:

—Não tenhas medo de mim, nem cuides que o teu pastorinho te esquece. Mas toma cuidado com tua Ama, que é bruxa e tem uma filha tão feia, que mete os dedos no nariz. Quando ela disser a cantoria do costume, responde-lhe tu assim:

Defuma lá e benze lá
Filho de Rei
p'ra mim será.

E ali ficou, aos pés da pastorinha, aninhada num novelo de luz, como a luz ao décimo quarto dia...

Por noite morta, a Ama veio buscá-la, e ela a fingir que dormia. E trouxe uma faca muito grande para degolar a ovelhinha mais branca e pôs-se a defumá-la mais à pastora.

Então, por volta de meados do defumadoiro, já ela estava com a faca no pescoço da ovelhinha e era só dizer a cantiga, começou:

Já te benzi,
te defumei,
filho de Rei
não é p'ra ti!...

Mas, ainda não tinha bem acabado, e já a pastorinha entrara de lhe responder:

Defuma lá e benze lá;
filho de Rei
p'ra mim será?

Então a ovelhinha mais branca transformou-se num Rei, que a levou, pela mão, a casar com o pastorinho do seu amor, que era um Senhor Príncipe-quebrador-de-encantos.

F I M



Quadras populares ilustradas



Mais dois tipos populares, apanhados em flagrante, com versos e tudo. D'aí se deduz que também pode haver poesia num galêgo e num vendedor de castanhas! Não é necessário, para ganhar o concurso, fazer glosas a todas as qua-

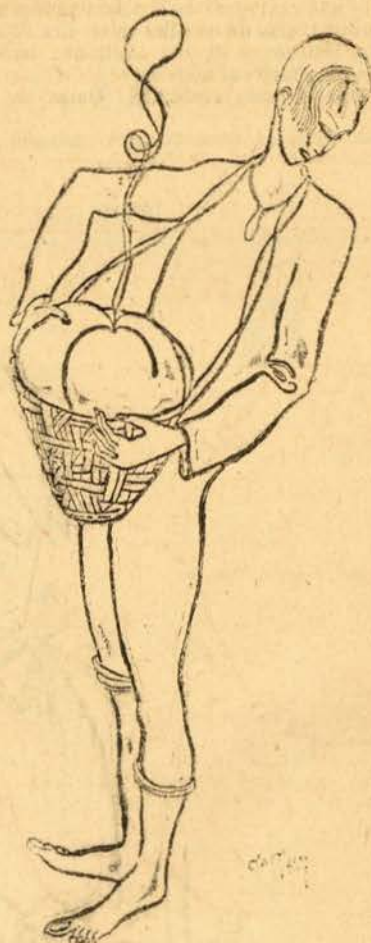
dras. Basta que mandem uma, mas que seja boa. Até ao dia 25 de Dezembro, podem mandar respostas, mesmo atrasadas. Dirigir a correspondência para Olavo de Eça Leal, jornal *O Seculo* suplemento infantil.

O galêgo



Eu cá sou galêgo,
galêgo de esquina!
Decerto que um cego
terá melhor sina...

O vendedor de castanhas



Eu vendo castanhas
da cõr dos teus olhos!
Quentes e boas, castanhas,
mesmo da cõr dos teus olhos!

ZAIDA a princesa moura (Continuado da pag. 5)

Perguntou-lhe por que motivo estava ali, e o rei da Moura respondeu que tendo chegado á capital do seu reino, todo sujo e esfarrapado o povo o não quiz reconhecer como rei, e estava tratando da aclamação dum seu tio, Moley-Moluk, poderoso rei que há muito já cubiçava os territórios do sobrinho, e aproveitara aquela ocasião para lhos usurpar.

Desesperado, vira-se obrigado a fugir para não ser morto e atravessando Gibraltar num barco de remos, viera acolher-se a Portugal.

O rei cristão ouviu-o em silencio; quando ele acabou, sorriu-se e perguntou:

— E agora, rei, que tencionas fazer?

— Não o sei, senhor!

— Pois sei-o eu! Vens pedir-me tropas e dinheiro para reconquistares o teu reino, não é verdade?

— Oh! Senhor! Se isso viesse a ser a realidade!

— Está bem! Tratarei disso.

Dizem os cronistas, que esse rei cristão arranjou efectivamente um grande exército, não destinado a entregar Marrocos a Moley-Hamed mas sim destinado a aclamá-lo a êle, rei cristão, imperador de Marrocos.

Contam tambem os cronistas que esse grande exército pereceu quasi todo nos plainos de uma certa terra, onde se travou uma das mais gigantescas batalhas da idade-moderna.

Afirmam ainda os cronistas, que, no meio de uma cavalgada terrivel, o rei cristão, que era bravo como nenhum,

desapareceu, depois de proferir uma frase célebre, não tornando mais a ser visto; dai concluem que o rei de Portugal lá morreu.

Nós, porém, não acreditamos nisso.

O rei cristão, ao vêr efectivamente a batalha perdida, preferira morrer a entregar-se, e numa terrivel cavalgada, que era quasi um suicidio, abriu uma larga brecha por entre a muralha de mouros que se lhe estendia á vista. Ia só, eram tantos os mouros á sua volta que nem levantar a espada podia.

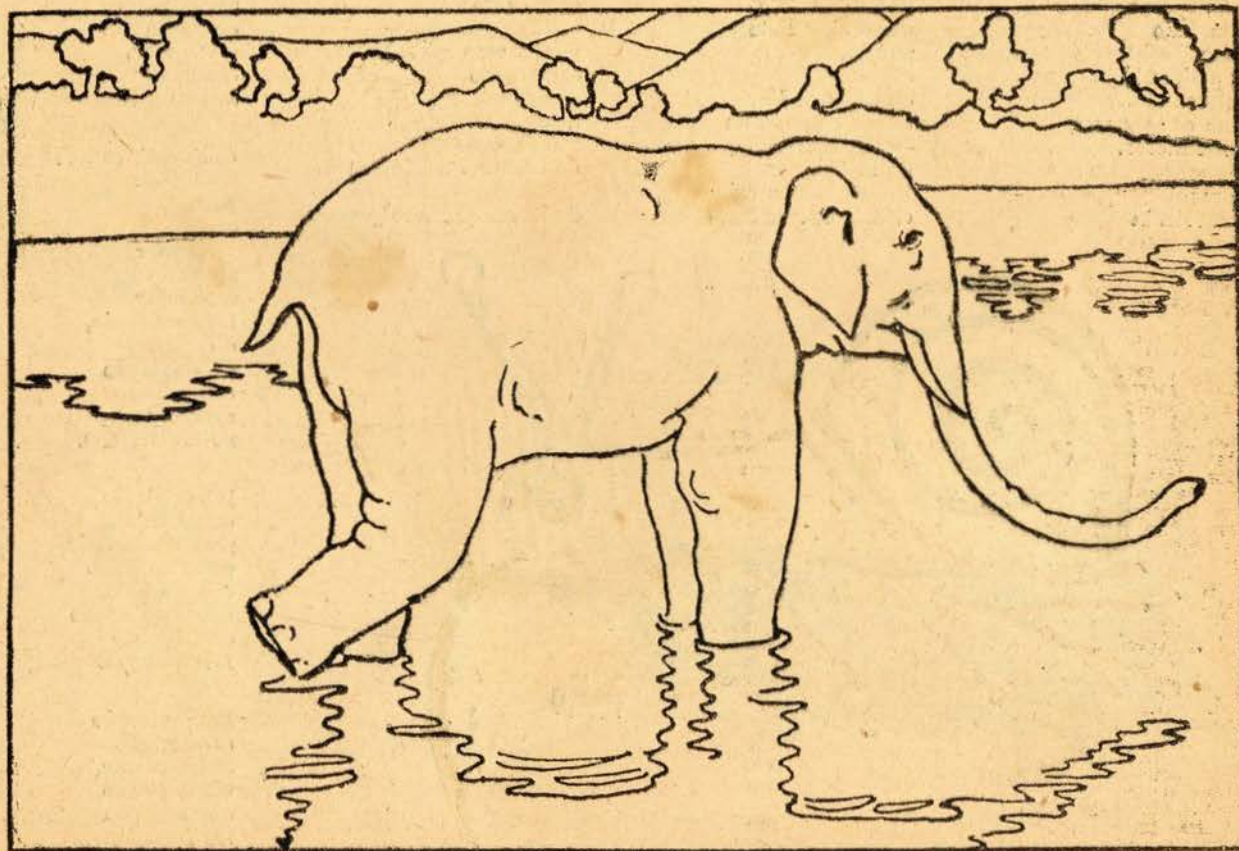
Sem o reconhecer, os mouros fizeram-o prisioneiro.

Dessa prisão, fugiu êle algum tempo depois, graças aos esforços desesperados de duas pessoas: Zaida e seu pai.

Então, o rei de Portugal, abandonou para sempre o seu reino, a êsse tempo já pertença dum povo vizinho, e enquanto no seu país, o povo humilde e bom o espera ainda numa manhã de nevoeiro, fugiu para uma terra longiqua, mas cristã, onde desposou a sua muito amada Zaida, que, com seu pai, se havia convertido á santa religião de Cristo (!).

(!) Peço aos leitores do Pim-Pam-Pum que estudarem história, áqueles que já a estudaram, e áqueles que não de vir a estudá-la um dia, que não deixem de acreditar no que os livros e o snr. Professor lhes disserem, para crêrem no que acabam de lêr neste conto, pois tudo quanto aqui está, não é mais do que o produto da minha fãntasia, que deixou correr á vontade, enquanto o estive escrevendo.

PARA OS MENINOS COLORIREM



O inteliz dr. Caracol

por
Celestino Gomes

VIVIA
num jardimzinho
bonitinho
cheio de Sol,
um dia,
um caracol
caracolinho
encaracolado
maior e revacinado
licenciado
na engenharia;

e o caracol
caracolinho
encaracolado
tinha engenhado
uma engenharia;
sôbre o costado
seu lar trazia
como um soldado
mobilizado
de Infantaria,

E como êle era
classificado
na agronomia,
na primavera
— geometria:
mais geometria —
roía as flôres,
roía,
roía tudo
e era
(; pudera !)
um canudo,
para os senhores
floricultores,

Caracol
caracolinho

encaracolado
mais ilustrado
entre os mais sábios
não existia,
pois até ia
sempre estampado
nos alfarrábios
de zoologia,

Mas perto
havia
um senhor Pato
pacato,
esperto,
que todo o dia
tirava a fotografia
— o retrato —
no regato,
fizesse frio ou calor
e, pelo que se dizia

era o terror
da freguezia,

Porque o tal Pato
pacato
era, além de Naturista,
desportista
em natação
e
(era isto
aqui
que o caracol
mole
punha em pânico)
empregado
dedicado,
bemquisto,
conceituado
do Instituto Botânico ;

de forma que não gostava

de ver aquelas asneiras
e andava
a ver quem é que estragava
as folhinhas
geitosinhas
e tearinhas
das roseiras,
aquelas
que davam rosas
tão belas,
tão formozas
amarelas,
dobradas
e singelas,
chamadas
as Donas Rosas-de-Chá,

Cuá, cuá, cuá...
O sr. Pato
pacato,
esperto,
viu andar
ali perto
a recortar
todo enlevado,
o caracol
encaracolado
caracolinho
supra-citado
no tal livrinho,

Duma vírada,
duma bicada
muito bem dada,
pô-lo no buxo
e foi, o bico,
com todo o luxo
de tipo rico
lavar na pia,

Desventurado
caracolinho
encaracolado,
tão ilustrado
que aparecia
fotografado
na Zoologia !

